



Assimetria sujeito-objeto focalizados nas sentenças clivadas e pseudoclivadas

Sandra Quarezemin (UFSC)

RESUMO: O presente artigo trata das sentenças clivadas e pseudoclivadas do Português Brasileiro que veiculam sujeito e objeto focalizados. O objetivo deste estudo é investigar a assimetria relacionada a essas construções quando são empregadas em contextos pergunta-resposta. A análise segue os moldes da abordagem cartográfica, desenvolvida por Rizzi (1997) e Belletti (2004). Este trabalho investiga se há contextos interrogativos possíveis de ocorrência da clivada objeto; se a assimetria pode estar relacionada a uma diferença estrutural entre a clivada sujeito e a clivada objeto; se há alguma restrição quanto à pseudoclivada objeto; se uma análise unificada para clivada e pseudoclivada dá conta dessas questões.

Palavras-chave: clivadas; pseudoclivadas; sujeito; objeto; foco.

Introdução¹

Este artigo trata das sentenças clivadas e pseudoclivadas do Português Brasileiro (doravante PB), investigando uma assimetria entre o sujeito e o objeto focalizados. Uma proposta de análise que considera as propriedades sintático-semânticas de cada um desses constituintes deve ser levada em conta no estudo das clivadas. A análise apresentada aqui segue os moldes da abordagem cartográfica, desenvolvida por Rizzi (1997, 2004) e Belletti (2004).

Os estudos sobre a sintaxe do PB mostram que essa língua não apresenta inversão livre do sujeito e que, por isso, não pode ser considerado uma língua de sujeito nulo típica como é o italiano, por exemplo. O PB é classificado como uma língua *pro-drop* parcial², uma vez que apresenta apenas resquícios de inversão (cf. PILATI, 2006) e não sofre os efeitos *that-t* (cf. MENUZZI, 2000), que são algumas das propriedades que caracterizam as línguas de sujeito nulo prototípicas.

¹ Agradeço aos pareceristas deste artigo pela leitura atenta do mesmo, pelos comentários pertinentes e as contribuições significativas para a análise proposta. Alguns dos apontamentos feitos serão desenvolvidos em trabalhos futuros. Todos os erros remanescentes são de minha responsabilidade.

² Sobre a natureza *pro-drop* parcial do PB ver Duarte (1996), Kato (1999), Kato e Negrão (2000), Modesto (2000b), Ferreira (2000), Rodrigues (2004), Rabelo (2010).

O fato de se comportar como uma língua *pro-drop* parcial se reflete de alguma forma na focalização de constituintes. O PB permite uma clivada sujeito em contexto pergunta-resposta, e não permite uma clivada objeto nesse mesmo contexto, como mostram os exemplos em (1) e (2).

- (1) a. Quem comeu o bolo?
b. Foi a Maria que comeu o bolo.
- (2) a. O que a Maria comeu?³
b. #Foi o bolo que a Maria comeu.

Entretanto, permite que uma pseudoclivada, tanto sujeito quanto objeto, responda uma interrogativa-Wh, como em (3) e (4).

- (3) a. Quem comeu o bolo?
b. Quem comeu o bolo foi a Maria.
- (4) a. O que a Maria comeu?
b. O que a Maria comeu foi o bolo.

As sentenças clivadas e pseudoclivadas além de se diferenciarem pelo CP que veiculam, o das primeiras é constituído por um complementizador e o das segundas por uma expressão-Wh, manifestam comportamentos sintáticos distintos e apresentam diferenças em relação aos contextos discursivos em que podem ser empregadas. Como verificado acima, a clivada objeto não responde bem uma interrogativa-Wh, restrição que não aparece quando o foco é o sujeito. No caso das pseudoclivadas, tanto sujeito quanto objeto focalizados podem aparecer em contextos de pergunta-resposta.

Quanto à sintaxe, verifica-se que o CP pressuposto nas clivadas está sempre em posição pós-cópula, enquanto nas pseudoclivadas, pode aparecer antes da cópula. Além disso, o foco das clivadas é gerado dentro do CP encaixado, já nas pseudoclivadas, o foco é gerado fora do CP introduzido pela expressão-Wh. (cf. MIOTO e NEGRÃO, 2007; GUESSER, 2011; RESENES, 2009).

Segundo Guesser (2011), as diferenças sintáticas, semânticas e pragmático-discursivas que se verificam entre as sentenças clivadas e as pseudoclivadas apontam para uma análise estrutural diferenciada das duas construções. Lobo (2006) observa que as análises que unificam as clivadas e as pseudoclivadas preveem que os dois tipos de sentenças têm o mesmo comportamento semântico-pragmático-discursivo. Quando as estratégias de focalizar o sujeito e o objeto são analisadas paralelamente, verifica-se que não é satisfatória uma proposta de análise unificada para as clivadas e pseudoclivadas do PB.

³ Segundo Menuzzi (2012, p. 15), a pergunta (2) evidencia que “em contextos em que o requisito de felicidade se limita a ser a asserção de exaustividade, ‘foco informacional’ seria adequado, mas não uma clivada”. Reconhecemos que a pergunta (2) não favorece a “pressuposição de unicidade”, que é apontada pelo autor como condição de uso para as sentenças clivadas. Ainda que ocorra apenas a pressuposição existencial em (2), observa-se que a clivada objeto apresenta uma restrição que não se verifica na pseudoclivada objeto. Este ponto será retomado na seção sobre a sintaxe das sentenças clivadas.

O destaque de constituintes por meio do processo da focalização não deve ser visto como um fenômeno estritamente prosódico. Os elementos focalizados aparecem destacados na sentença em PB de duas formas: (i) por meio da sintaxe, como em (5a,b); (ii) através de uma combinação entre prosódia e uma posição sintática específica de foco, para os casos de foco *in situ*, como em (6b).

- (5) a. [_F A casa] o Pedro vendeu (não o carro).
b. Foi [_F a casa] que o Pedro vendeu.
- (6) a. O que o Pedro vendeu?
b. O Pedro vendeu [_F a casa].

Os resultados dos experimentos realizados por Quarezemin (2009)⁴ vão ao encontro dos resultados de Guessser (2007) e atestam o uso recorrente das construções clivadas e pseudoclivadas, não só nos casos de foco contrastivo. Isto indica que os falantes do PB preferem destacar o constituinte focalizado, seja ele sujeito ou objeto, na sintaxe.

Se a focalização fosse puramente prosódica, a estratégia *in situ* não dividiria espaço com a estratégia clivada nos casos de foco de informação, e apareceria em número mais significativo nos casos de foco contrastivo. Tanto os resultados de Guessser (2007) quanto os de Quarezemin (2009) apontam para uma escolha maior, por parte dos falantes do PB, pelo destaque do elemento foco via sintaxe. Além disso, as partículas morfológicas de foco e tópico presentes em algumas línguas naturais apontam para a existência de posições específicas na estrutura sintática para os constituintes que veiculam propriedades sintáticas e semânticas.

O presente artigo investiga se há contextos interrogativos possíveis de ocorrência da clivada objeto; se a assimetria pode estar relacionada a uma diferença estrutural entre a clivada sujeito e a clivada objeto; se há alguma restrição quanto à pseudoclivada objeto; se uma análise unificada para clivada e pseudoclivada dá conta dessas questões. Na análise proposta por Fernandes (2007), a clivada sujeito foco de informação tem a mesma estrutura da sentença SVO com sujeito focalizado informacionalmente. Como uma análise desse tipo diferenciaria uma clivada com sujeito foco de informação de uma clivada com sujeito foco contrastivo? Como a proposta da autora explicaria o número elevado de ocorrências de clivadas em contexto de pergunta-resposta sobre o sujeito, e nenhuma clivada em contexto de pergunta-resposta sobre o objeto (cf. GUESSER, 2007; QUAREZEMIN, 2009)?

Este estudo está organizado em quatro seções: na primeira, é apresentada, de forma breve, a assimetria sujeito-objeto presente na sintaxe do PB; na seção seguinte, é questionado se a cópula presente nas sentenças clivadas e pseudoclivadas pode ser considerada um morfema foco; na terceira seção, é discutida a sintaxe das sentenças clivadas com sujeito e objeto focalizados; por fim, é apresentada uma seção sobre a sintaxe das pseudoclivadas.

⁴ A autora trabalhou com dois experimentos: um questionário do tipo “múltipla escolha” e um questionário que não fornecia nenhuma resposta. Neste último, os falantes deveriam completar a situação discursiva dada pela investigadora com uma sentença completa, entendendo por completa uma sentença não formada apenas pelo elemento focalizado. Na elaboração desses questionários, foram manipulados contextos próprios de ocorrências de objeto e sujeito focalizados. Esses contextos foram intercalados e misturados com outros contextos que não requeriam focalização.

1. Assimetria sujeito-objeto focalizados

O constituinte que é interpretado como o sujeito da sentença apresenta características especiais, as quais não vêm à tona quando o constituinte é o objeto da sentença. As línguas românicas classificadas como *pro-drop* apresentam, conforme as propriedades do parâmetro de sujeito nulo, a possibilidade de manter o sujeito em posição pós-verbal, originando as construções conhecidas por *inversão livre*, como no caso do italiano (7a), do português europeu (7b) e do espanhol (7c).

- (7) a. Ha telefonato Gianni.
b. Telefonou João.
c. Ha llamado Juan.

O PB parece se afastar destas línguas no que diz respeito às construções de inversão livre. Seguindo o conjunto de propriedades proposto por Chomsky (1981), como característico das línguas de sujeito nulo, verifica-se que o PB não se comporta como uma língua *pro-drop* prototípica, sendo considerado por alguns autores uma língua *pro-drop* parcial (cf. DUARTE, 1996; KATO, 1999; além dos autores apontados na nota 2). Esta parcialidade resulta da alta frequência de sujeito preenchido e, conseqüentemente, do baixo número de sujeito nulo na modalidade falada.

Diferentemente do que ocorre com o sujeito, o objeto nulo é perfeitamente possível e comum no PB atual, como se observa nos dados abaixo apresentados por Cyrino (2000, p.10).

- (8) a. "... o meu problema agora é onde botar para ser alfabetizada..."
b. "Eu achei ruim demais..."
c. "Quer dizer, o ideológico influencia..."
d. "Lá vende assim por um preço baixíssimo..."

O fenômeno do objeto nulo tem características específicas que diferenciam o PB de outras línguas que apresentam esse mesmo fenômeno.

A assimetria sujeito-objeto também aparece quando esses constituintes veiculam propriedades sintáticas e semânticas, como foco. A focalização do sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na focalização do objeto, se este é o último constituinte da sentença. Observando como o objeto é focalizado em (9), verifica-se que nenhum reposicionamento dele é necessário. Uma vez que o objeto se encontra na posição natural para receber o acento sentencial.

- (9) Maria comprou [_F um carro].
(O que Maria comprou?)

Se, por outro lado, o objeto não é o único constituinte à direita do verbo, ele pode se posicionar no final da sentença para receber o acento e a interpretação de foco, como em (10).

- (10) A Maria comprou ontem [_F um carro].
(O que Maria comprou ontem?)

Quando o objeto aparece à esquerda do verbo, ele só pode ser interpretado como foco contrastivo, como em (11). Um simples objeto foco de informação não sofre deslocamento na sentença em PB, aparecendo sempre depois do verbo.

- (11) UM CARRO a Maria comprou (não uma moto).

Uma clivada objeto não responde uma pergunta-Wh porque o objeto clivado, diferente do sujeito clivado, está associado aos traços de contraste/exaustividade, como em (12b).

- (12) a. O que a Maria comprou?
b. #Foi O CARRO que a Maria comprou.

O sujeito não precisa se posicionar na posição mais encaixada para receber o acento sentencial e a interpretação de foco de informação em PB. Essa língua não permite a inversão livre e está deixando de ser uma língua de sujeito nulo. Ainda, diferente do que ocorre com o objeto, não é fácil identificar quando o sujeito focalizado está deslocado na sentença, visto que, pela sua natureza de sujeito, já ocupa uma posição alta na estrutura sintática.

Em relação à focalização do sujeito, os falantes do PB empregam a sentença SVO com uma prosódia especial ou a sentença clivada (cf. QUAREZEMIN, 2009). O trabalho de Belletti, Bennati & Sorace (2007) aponta para uma dissociação entre o parâmetro do sujeito nulo e a possibilidade de inversão livre. Segundo as autoras, a inversão livre ocorre somente quando o sujeito consegue acessar diretamente a posição de foco baixa. Dessa forma, elas assumem que a falta de inversão livre é uma consequência das diferentes estratégias de respostas que podem ser empregadas pelos falantes. Belletti (2009) agrupa as línguas segundo o tipo de estratégia de focalização do sujeito empregada: por posição sintática ou por prosódia especial.

- (13) a. VS do Italiano: Português Europeu, Romeno, Paduano...
b. Clivada (reduzida) do Francês: Japonês, Norueguês, Malaiala...
c. SV do Inglês: Húngaro⁵, Basco, Gungbe...

As línguas do grupo (a) e (b) destacam o foco através da posição, enquanto as línguas do grupo (c) destacam o foco por meio da prosódia especial no sujeito junto com uma posição FocP

⁵ O húngaro é uma língua de sujeito nulo que mantém o sujeito foco em posição pré-verbal, permite que o objeto foco de informação figure na periferia esquerda da sentença (OSV), sem acarretar uma leitura contrastiva (cf. BELLETTI, 2008a). Dessa forma, verifica-se que a propriedade de sujeito nulo é necessária, mas não é uma condição suficiente para que os falantes da língua empreguem a posposição do sujeito como uma estratégia de resposta à pergunta-Wh. De acordo com Belletti (2008a), se uma língua tem a propriedade de sujeito nulo, as respostas às interrogativas-Wh sobre o sujeito apenas contêm um sujeito pós-verbal (VS) se a posição foco está ativa na periferia de vP. Se a posição para o foco de informação é aquela da periferia esquerda da sentença, então SV é a ordem esperada. Consequentemente, a ordem OV também é esperada no caso de objeto foco de informação. Nesse sentido, o PB é particular porque mantém o objeto foco de informação na posição foco baixa, mas não permite que o sujeito foco de informação ocupe essa mesma posição.

não *default* (dentro de DP). O PB pode ser visto como uma língua que ainda permite sujeito nulo, pelo menos na escrita⁶, mas que não apresenta inversão livre. Quando a inversão ocorre, está condicionada à presença de algum elemento no início da sentença (cf. PILATI, 2006). Por isso, não entra na classificação do grupo (a). A focalização do sujeito em PB é particular porque essa língua se enquadra tanto no grupo (b) quanto no grupo (c) da classificação proposta por Belletti. Uma estratégia não exclui a outra, o uso de uma ou outra depende da escolha dos falantes dessa língua⁷.

A extração do sujeito e do objeto é outro ponto que ressalta a assimetria entre os dois constituintes. A extração-Wh do sujeito é bem mais difícil de ocorrer do que a extração do objeto, próprio das particularidades referentes ao sujeito. Rizzi (2007) afirma que o movimento do sujeito pode ser bloqueado em função do congelamento criterial, fato que não ocorre com o objeto.

- (14) a. *Who do you think [that [t Subj will come]]?
 (Quem você pensa que chegará?)
 b. Who do you think [that [Mary Subj will meet t]]?
 (Quem você pensa que Maria encontrará?)

O autor transforma o Princípio de Projeção Estendida (EPP) em uma posição criterial SubjP, propondo o Critério Sujeito, da mesma forma que o Critério-Wh. De acordo com o autor, a assimetria sujeito-objeto interfere na extração-Wh. Em (14a), a expressão sujeito *who* sai da sua posição temática, vai para Spec SubjP da sentença encaixada, e é congelada nessa posição. Rizzi e Sholonsky (2007) afirmam que a extração do sujeito só é possível quando ele pode saltar a posição criterial de sujeito. Uma vez que um critério não pode ser satisfeito “de passagem”, qualquer outra extração dessa expressão-Wh é barrada. Em (14b), a expressão objeto *who* está livre para a extração porque não há nenhum critério objeto, nenhuma posição especial na qual o objeto deva satisfazer um critério e, portanto, ser congelado ali.

Este é um ponto importante para a análise das clivadas e pseudoclivadas, que será proposta nas próximas seções, pois justifica o fato de o sujeito ser movido diretamente da sua posição temática Spec VP. A proposta é a de que a extração do sujeito para a focalização se dá a partir de uma posição mais baixa do que Subj (ou TP). Um *pro* expletivo ocupa a posição sujeito da frase subordinada, satisfazendo assim o Critério Sujeito (cf. GUESSER e QUAREZEMIN, 2013).

Na próxima seção será discutido se a cópula, como parte do processo de focalização, pode ser considerada a realização fonética de um morfema foco.

⁶ Magalhães (2008) aponta que o sujeito nulo é uma estratégia que é aprendida na escola.

⁷ De acordo com Quarezemin (2009), o falante que opta pela clivada emprega essa estratégia em todas as situações de focalização contrastiva do sujeito. Nenhum participante do experimento realizado pela autora apresentou variação entre a clivada e a sentença SVO. Já aquele que escolhe a estratégia de focalização *in situ* não alterna com o uso da clivada. Os resultados apresentados por Quarezemin indicam que não há variação no uso da clivada e no uso da sentença SVO em um mesmo falante do PB.

2. Cópula como morfema foco?

Segundo Miotto (2006), fatos novos surgem para a focalização dos constituintes quando o verbo da sentença é a cópula. Neste caso, precisamos distinguir entre sentenças copulares predicativas, copulares especificacionais ou equativas, pseudoclivadas, clivadas e reduzidas.

Em sentenças predicativas, como (15b), o sujeito é naturalmente focalizado antes da cópula. Assim, (15b) é uma resposta adequada para (15a):

- (15) a. Quem é feliz?
b. Maria é feliz.

Esta é a situação em que uma sentença copular mais se aproxima das sentenças com verbos lexicais (em especial verbos transitivos) no que diz respeito à focalização do sujeito, uma vez que a inversão do sujeito dificilmente ocorre com verbos lexicais.

Já as copulares especificacionais, como (16b), exibem um grau de afastamento das predicativas porque elas reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação, embora ainda aceitem um foco de informação antes da cópula. Assim, a resposta preferencial para (16a) não é (16b), mas (16c), com o foco depois da cópula.

- (16) a. Quem é o teu vizinho?
b. O músico é o meu vizinho.
c. O meu vizinho é [_F o músico].

E, por fim, as copulares (17a-c) que são sentenças clivadas reservam preferencialmente a posição pós-cópula para o foco de informação. O constituinte focalizado na reduzida (17d) não pode preceder a cópula em nenhum contexto – nem pergunta-resposta, nem correção.

- (17) a. Quem cantou?
b. Quem cantou foi o músico.
c. Foi o músico que cantou.
d. Foi o músico.

A cópula que aparece nas sentenças em (17b-d) é diferente da cópula que aparece nas predicativas e equativas. No caso das sentenças clivadas, a cópula tem a função específica de focalizar um constituinte (ela faz parte do processo da focalização na sentença). Já nas predicativas, como em (15b), a função da cópula é somente predicar. No caso da equativa, em (16b), a cópula apresenta uma dupla função: pode especificar ou predicar.

De acordo com Belletti (2008c), a cópula pode se gramaticalizar na forma de uma partícula foco. Para a autora, a cópula aciona a realização de uma posição foco nas clivadas. Frascarelli & Puglielli (2008) também defendem que a cópula é um marcador foco em muitas línguas. As autoras afirmam que a cópula empregada no processo de focalizar já parte da numeração marcada com o traço [+F], assim como o complementizador.

Em algumas sentenças, como se verifica em (18), a cópula transita livremente em busca daquilo que deve ser focalizado (cf. MIOTTO, 2006).

- (18) a. O Pedro tem é [_F medo de cobras].
 b. O Pedro tem medo é [_F de cobras].
 c. João quer é [_F sambar na Portela].
 d. João quer sambar é [_F na Portela].
 e. Lula tem é [_F falado pouco].
 f. Lula tem falado é [_F pouco].

A partir do exposto, é possível afirmar que a cópula está diretamente envolvida no processo da focalização, marcando o foco das sentenças.

Nas seções que seguem será apresentado como a assimetria sujeito-objeto interfere na análise da estrutura sintática das sentenças clivadas e pseudoclivadas.

3. CLIVADAS – sujeito e objeto focalizados

A sentença clivada apresenta uma restrição semântica sobre os elementos focalizados que veicula que não ocorre nas declarativas simples. Tal característica é própria do valor semântico-discursivo atrelado à clivada, visto que a pressuposição de existência⁸ implica que pelo menos um elemento seja identificado como o foco da sentença. Menuzzi (2012, p. 16) aponta que “as clivadas pressupõem que a proposição expressa pela oração clivada é verdadeira para algum valor correspondente ao ‘termo aberto’ nela.”

Modesto (2001) classifica as clivadas como sentenças especificacionais que implicam contraste, exaustividade e exclusividade devido ao movimento A-barrado do elemento clivado. Segundo o autor, sempre ocorre movimento A-barrado de algum tipo nas sentenças clivadas, independentemente de o elemento clivado ser um sujeito ou um objeto. A leitura exaustiva associada à clivada é resultante desse movimento. Modesto ainda assume que em algumas sentenças clivadas não é o constituinte focalizado que sofre movimento, mas a parte pressuposta.⁹

Mioto & Negrão (2007) afirmam que enquanto a pseudoclivada pode veicular qualquer tipo de foco (contrastivo, de identificação ou de informação), a clivada veicula somente foco contrastivo ou de identificação. Para os autores, um simples foco de informação não é veiculado por uma clivada, uma vez que o elemento clivado está sempre associado à leitura contrastiva/exaustiva. Os autores não aceitam a sentença clivada em contexto pergunta-resposta que é próprio do foco de informação, como se observa nas sentenças em (19), extraídas do texto dos autores (p. 15).

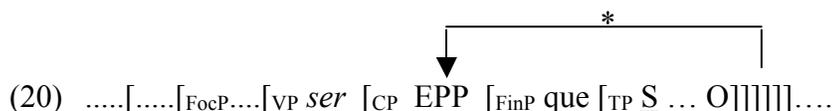
- (19) a. O que o menino comeu?
 b. #Foi o bolo que o menino comeu.
 c. #O bolo que o menino comeu.
 d. #O bolo o menino comeu.

⁸ Ver Horn (1981) para compreender melhor a pressuposição que acompanha as clivadas.

⁹ Para esses casos, o autor propõe o movimento-p (cf. ZUBIZARRETA, 1998). Modesto justifica a sua análise recorrendo ao alinhamento entre proeminência de foco, FPR (*Focus Proeminence Rule*), e o acento nuclear, NSR (*Nuclear Stress Rule*).

O resultado do experimento sobre a focalização do objeto aplicado por Quarezemin (2009) mostra que nenhum falante escolhe a sentença clivada como uma estratégia de resposta a uma pergunta-Wh sobre o objeto. O exemplo dado por Mioto & Negrão é de clivada objeto; não há nenhum exemplo de clivada sujeito no texto dos autores. Contudo, nada exclui que a clivada sujeito possa aparecer em contexto pergunta-resposta (cf. GUESSER, 2007; FERNANDES, 2007). Resenes (2009) aponta que há situações discursivas que não implicam contraste em que é adequado o uso seja de uma clivada canônica-sujeito, seja objeto¹⁰. Além disso, Menuzzi (2012) mostra que as clivadas não são intrinsecamente dotadas de traço de exaustividade, propriedade que impossibilitaria o uso da clivada em contexto pergunta-resposta que requer apenas informação não exaustiva.

A clivada sujeito apresenta particularidades que não estão presentes na clivada objeto, próprio da assimetria sujeito-objeto presente nas línguas. Isso vai ao encontro da análise de Belletti (2008a,c) que propõe estruturas diferentes para a clivada sujeito e a clivada objeto, sendo que apenas a primeira pode veicular tanto foco de informação quanto foco contrastivo. Belletti (2008c) propõe que a cópula das clivadas sujeito foco de informação seleciona uma *small clause* (SC) rotulada como CP *small*. Há uma posição EPP dentro da SC que só pode ser ocupada pelo sujeito, do contrário, fere-se a Minimalidade Relativizada (cf. RIZZI, 1990, 2004). A posição EPP da SC é argumental, assim como a posição de sujeito e de objeto, por isso, o movimento do objeto para a posição EPP cruzando o sujeito interveniente, causaria uma violação de minimalidade.



Dessa forma, observa-se que a má formação de uma clivada objeto foco de informação ocorre devido às condições impostas pela minimalidade relativizada. O objeto não consegue alcançar Spec FocP na periferia da cópula porque há interferência do sujeito. A ativação da projeção FocP em dois domínios diferentes – periferia da cópula e periferia esquerda da subordinada – sinaliza aos componentes PF (*Phonetic Form*) e LF (*Logical Form*) que, dependendo do domínio em que o constituinte clivado se encontra, ele deve ser interpretado como foco de informação ou foco contrastivo/de identificação.

A estratégia clivada sobressai significativamente à estratégia *in situ* nos casos de focalização contrastiva do sujeito e do objeto em PB. Os resultados dos experimentos de Quarezemin (2009) mostram que os falantes do PB preferem destacar sintaticamente o constituinte focalizado a deixá-lo *in situ* na sentença. Esse resultado vai ao encontro da abordagem cartográfica que defende que um elemento com uma função discursiva específica

¹⁰ Cabe ressaltar que a ocorrência da clivada objeto como um simples foco de informação está limitada a contextos nos quais o objeto de alguma forma faça parte do *background* da situação discursiva. O exemplo empregado por Resenes (2009) refere-se a um contexto específico no qual dois amigos procuram na biblioteca um livro que um deles tinha indicado ao outro. A uma certa altura, a pessoa que conhece o livro aponta para a estante e diz: Foi este livro que eu li. Neste caso, parece que o foco também porta algum tipo de traço [+tópico], como apontado por Guesser e Quarezemin (2013). As autoras propõem que, mesmo nesses casos, o objeto não alcança a posição foco na periferia de VP, ocupando uma posição foco na periferia do CP encaixado.

deve estar em uma posição sintática correspondente à sua função. E as sentenças clivadas e pseudoclivadas reservam uma posição sintática específica para o foco, seja o sujeito ou o objeto.

Kiss (1998) assume que FocP c-seleciona um CP nas clivadas. Como a própria autora aponta, não há motivação para essa seleção categorial. Para evitar uma seleção indesejada propõe-se, seguindo as evidências apresentadas em Miotto & Negrão, que a cópula seleciona diretamente um CP e que esse CP não é relativo. A focalização ocorre na periferia da sentença introduzida pelo complementizador com movimento A-barrado do foco nos casos de foco contrastivo ou de identificação. Para as clivadas com sujeito foco de informação, como em (21), segue-se a análise de Belletti (2008c) e propõe-se que a focalização ocorre na periferia da cópula.

- (21) a. Quem comprou as flores?
 b. Foi [_F a Maria] que comprou as flores.
 c. [_{TP} *pro* [_T Foi_j [_{FocP} a Maria_i [_{Foc} t_j [_{VP} t_j [EPP t_i [_{FinP} que [_{TP} comprou t_i as flores]]]]]]]]]]

Na representação em (21c), a cópula que tem o traço [+F] (cf. seção 2) sai da sua posição temática, passa pelo núcleo Foc, de onde sonda o constituinte que deve ocupar o especificador de FocP, e depois segue até o núcleo T. O sujeito *a Maria* é o único constituinte que pode preencher Spec FocP na periferia da cópula, uma vez que o objeto não consegue checar o EPP porque há intervenção do sujeito. O sujeito sai de Spec VP para evitar um congelamento criterial na posição sujeito da subordinada (Spec SubjP). Assim, o critério foco é satisfeito e a sentença está pronta para ser enviada aos componentes de interface, PF e LF. A representação segue nos moldes da análise de Belletti (2008c) que propõe que o CP introduzido pelo complementizador é um CP truncado/reduzido sem a projeção da categoria Force, o CP na clivada corresponde à projeção FinP.

Em relação à posição do complementizador *que*, Belletti propõe que ele sempre se origina em Fin. Quando um CP subordinado pleno é selecionado, o complementizador se desloca para Force para checar a força declarativa ilocucionária da sentença. Neste caso, o complementizador pode expressar a natureza finita da sentença e a sua força ilocucionária ao mesmo tempo. Nas clivadas, com CP reduzido, o núcleo Force não está presente, por isso, *que* expressará somente a finitude da sentença.

De acordo com Resenes (2009), a única forma de o objeto não provocar uma violação à minimalidade relativizada é ser movido para o Spec FocP na periferia esquerda do CP encaixado (posição A-barrado). A autora afirma que “como essa posição é usualmente associada aos traços de contraste/correção, fica explicado por que uma clivada de objeto não responde adequadamente a uma pergunta *wh* comum”. (RESENESES, p. 36)

Para os casos de clivada objeto ou clivada sujeito foco contrastivo, Belletti (2008c) segue na linha de Kiss (1998) e Miotto & Negrão (2007) e afirma que a cópula seleciona diretamente um CP reduzido que pode ativar a projeção FocP à sua esquerda. Em resumo, a autora propõe que quando o foco é de informação, o sujeito focalizado está em Spec FocP na periferia da cópula; quando o foco é contrastivo, sujeito ou objeto ocupam Spec FocP na periferia esquerda da sentença introduzida pelo complementizador.

(22) a. Foi A MARIA que comprou o jornal (não a Ana).

b. [_{TP} *pro* [_T Foi [_{VP} ser_{+F} [_{FocP} A MARIA_i [_{FinP} que [_{TP} comprou _{t_i} o jornal]]]]]]]]

Nessa representação, a cópula que é especificada com o traço [+F] sonda o sujeito que também possui o traço [+F] até Spec FocP na periferia esquerda da sentença encaixada, posição destinada ao foco com leitura de contraste.

Os resultados apresentados em Quarezemin (2009) mostram que a clivada objeto, diferentemente da clivada sujeito, apenas é empregada em contexto de contraste/correção, como (24). Não é usada para responder uma interrogativa-Wh, como se verifica em (23).

(23) a. O que a Maria comprou?

b. #Foi O JORNAL que a Maria comprou.

(24) Foi O JORNAL que a Maria comprou (não o livro).

A derivação da clivada objeto é como aquela em (25):

(25) [_{TP} *pro* [_T Foi [_{VP} ser_{+F} [_{FocP} O JORNAL_i [_{FinP} que [_{TP} A Maria comprou _{t_i}]]]]]]]]

Observa-se que, assim como no caso da clivada sujeito contrastivo, a focalização ocorre na periferia esquerda da sentença introduzida pelo complementizador. A cópula marcada pelo traço [+F] sonda o objeto que também possui o traço [+F] para o Spec FocP.

Uma questão deve ser levantada aqui: enquanto as clivadas em contextos de foco de informação apontam para uma distinção entre clivada sujeito e clivada objeto, já que a ocorrência das duas construções é diferenciada (cf. QUAREZEMIN, 2009), as clivadas em contextos de foco contrastivo não apresentam nenhuma distinção entre clivada sujeito e clivada objeto. Neste estudo é assumido que a representação sintática é especificada para codificar a distinção semântico-pragmática entre o foco de informação (periferia de VP) e o foco contrastivo (periferia esquerda do CP encaixado). Contudo, é importante salientar que a ocorrência ou não da clivada objeto em contextos de foco de informação pode não estar limitada pela sintaxe, mas pelo contexto pragmático discursivo.

Não é adequado usar uma clivada objeto para responder uma pergunta como (26a), mas é perfeitamente possível responder uma pergunta como (27a) com esse tipo de sentença.

(26) a. Quem você encontrou?

b. #Foi a Julia que eu encontrei.

(27) a. Qual das alunas você encontrou?

b. Foi a Julia que eu encontrei.

Menuzzi (2012) propõe a “pressuposição de unicidade” como uma condição de uso necessária às clivadas. No caso de (27b), a pressuposição é a de que apenas uma das alunas foi encontrada, isto é, um único elemento corresponde à proposição pressuposta. Já no caso de (26b),

qualquer pessoa pode ter sido encontrada, não há uma a pressuposição de que apenas uma pessoa possa ter sido encontrada. O autor aponta que a pressuposição de unicidade está vinculada à sentença clivada, não ao constituinte clivado.

Também é possível empregar a clivada objeto em contextos em que de alguma maneira o objeto esteja no discurso prévio¹¹. Nos dados do NURC encontram-se exemplos desse tipo, como o que está destacado em (28).

(28) *Eu viajei, aliás eu viajei, quando menino fiz uma viagem marítima com meu pai aos Estados Unidos, que aliás não ficou registrado aí, em quarenta e dois, e estive em New Orleans inclusive. Foi a primeira viagem que eu fiz*¹².

(DID RJ)

De acordo com Guessier e Quarezemin (2013, p. 202), nas clivadas como a que aparece em (28) “o elemento focalizado tem sempre uma interpretação marcada por um traço de tópico, ou seja, o elemento clivado é uma nova informação não contrastiva e, ao mesmo tempo, um elemento presente no contexto discursivo imediato”. Nesses casos, as autoras propõem que o objeto ocupa uma posição na periferia esquerda da sentença encaixada.

A partir do exposto, verifica-se que um tratamento unificado para as clivadas sujeito e as clivadas objeto não é possível em uma língua como o PB. A próxima seção trata da sintaxe das pseudoclivadas que deve ser distinta da estrutura proposta para as clivadas. No caso das pseudoclivadas, não há nenhuma restrição em relação ao sujeito ou objeto focalizados, ambos ocorrem em contextos interrogativos. Além disso, não há nenhuma incompatibilidade de uso relacionada ao tipo de interpretação focal.

4. PSEUDOCLIVADAS – sujeito e objeto focalizados

De acordo com Miotto (2003), a pseudoclivada responde bem uma interrogativa-Wh, como em (3b) e (4b), repetidas abaixo, porque o foco está em uma posição baixa.

- (29) a. Quem comeu o bolo?
b. Quem comeu o bolo foi a Maria.

¹¹ Um dos avaliadores deste artigo apontou a possibilidade de uso da clivada objeto indireto em resposta à interrogativa-Wh, como (i).

- (i) a. A quem a Maria deu o dinheiro?
b. Foi para mim que a Maria deu o dinheiro.

Neste caso, parece que a clivada não é compatível com a pressuposição de unicidade, uma vez que mais de um elemento pode corresponder à proposição pressuposta. Importante salientar que, ainda assim, o contraste apresentado neste estudo permanece.

¹² Grifo da autora deste artigo.

- (30) a. O que a Maria comeu?
b. O que a Maria comeu foi o bolo¹³.

Mioto (2003) afirma que a segunda estrutura de asserção proposta por Zubizarreta (1998) para a interpretação do foco não contrastivo/de informação reproduz a estrutura de uma pseudoclivada: *o x tal que x comeu o bolo é a Maria*, no caso de (29b), ou *o x tal que a Maria comeu x é o bolo*, no caso de (30b). Em ambos os casos o foco é o predicado de uma sentença equativa, sendo a posição pós-cópula a posição canônica para a focalização.

A naturalidade com que uma pseudoclivada objeto responde uma interrogativa-Wh, como (30a), diferente da clivada objeto, pode estar relacionada à marcação do acento nuclear que ocorre na posição mais encaixada da sentença (cf. CHOMSKY e HALLE, 1968)¹⁴. Assim como em uma sentença simples SVO, na pseudoclivada canônica, o acento de foco informacional sobre o objeto coincide com a posição canônica do acento nuclear. É um acento que não é marcado e, por isso, não é preciso recorrer a uma estratégia específica de focalização. Já no caso do sujeito, o acento é marcado porque o mesmo figura em uma posição não canônica de acento nuclear. Pelo fato de o PB não dispor de inversão livre para alocar o sujeito na posição final da sentença, é necessário recorrer a uma estratégia alternativa, como a construção clivada¹⁵.

Como visto na seção 2, a cópula faz parte do aparato da focalização, principalmente nas clivadas e pseudoclivadas que são designadas a focalizar constituintes. Para a representação da pseudoclivada sujeito e objeto foco de informação, segue-se a proposta de Heycock & Krock (1999) de que há uma *small clause* equativa¹⁶ nas pseudoclivadas e a análise de Resenes (2009) de que a cópula seleciona um FocP. De acordo com a proposta, a cópula mantém-se adjacente ao foco e domina o constituinte que focaliza. Vale ressaltar que neste caso FocP não ocorre na periferia de VP, como proposto por Belletti (20008c) para as clivadas sujeito, FocP aparece à direita da cópula, como se verifica em (31b) e (32b).

- (31) a. Quem comeu o bolo foi [_F a Maria].
b. [_{TP} [_{CP} Quem comeu o bolo]_j [_T foi [_{VP} ser_{+F} [_{FocP} a Maria_i [_{SC} t_j t_i]]]]]]
- (32) a. O que a Maria comeu foi [_F o bolo].
b. [_{TP} [_{CP} O que a Maria comeu]_j [_T foi [_{VP} ser_{+F} [_{FocP} o bolo_i [_{SC} t_j t_i]]]]]]

A estrutura interna da *small clause* das pseudoclivadas vai ao encontro da análise proposta por Kato e Ribeiro (2005) e por Costa e Duarte (2006), que mantêm o CP na posição de sujeito e o foco na posição de predicado. O CP sujeito da SC é alçado para a posição sujeito da sentença matriz. A ordem CP-Foco dentro da SC dá conta do fato de que quando um adjetivo é foco na pseudoclivada, não é natural gerá-lo na posição sujeito da SC (cf. RESENES, 2009).

¹³ Diferentemente do que ocorre com as clivadas, a pressuposição de unicidade (cf. MENUZZI, 2012) parece não ser uma condição necessária para a realização das pseudoclivadas, independente do contexto em que aparecem e de o foco ser o sujeito ou o objeto.

¹⁴ Agradeço ao avaliador deste artigo pelos apontamentos interessantes levantados neste ponto da discussão.

¹⁵ Situação semelhante ocorre em francês (cf. BELLETTI, 2008c).

¹⁶ Heycock & Krock (1999) propõem uma *small clause* equativa para as pseudoclivadas (devido a sua natureza especificacional) e uma *small clause* predicativa para as copulares predicacionais.

Diferente da análise proposta para a estrutura das clivadas sujeito e objeto, não há distinção estrutural entre uma pseudoclivada sujeito e uma pseudoclivada objeto; em ambas o foco figura em uma posição baixa, selecionada diretamente pela cópula. A assimetria verificada entre uma clivada sujeito e uma clivada objeto em contexto pergunta-resposta não aparece nas pseudoclivadas.

A pseudoclivada também pode aparecer em contextos de contraste/correção, tanto com sujeito quanto com objeto focalizados. Neste caso, o foco não veicula o mesmo conteúdo informacional de um simples foco de informação/não contrastivo. Além da informação não pressuposta, o foco denota um contraste entre dois constituintes. De acordo com Rizzi (1997) e Belletti (2004), o foco contrastivo aparece em uma posição alta, na periferia esquerda da sentença, enquanto o foco de informação figura em uma posição baixa, na periferia de VP.

Para manter o paralelismo foco contrastivo na periferia esquerda da sentença e foco de informação na periferia de VP, proposto pela abordagem cartográfica assumida neste trabalho, é preciso lançar mão do movimento remanescente (*Remnant movement* – KAYNE, 1994). O sujeito/objeto foco contrastivo se desloca para FocP na periferia esquerda e, em seguida, o TP, contendo o CP pressuposto e a cópula, sofre movimento remanescente para Spec TopP acima de FocP, como ocorre em (33b,c).

(33) a. Quem comprou o jornal foi A MARIA (não a Ana).

b. [_{TopP} [_{FocP} A MARIA_i [_{Foc} [_{TP} Quem comprou o jornal]_j [_T foi_k [_{VP} t_k [_{SC} t_j t_i]]]]]]]]

c. [_{TopP} [_{TP} Quem comprou o jornal]_j [_{TP} foi_k [_{VP} t_k [_{SC} t_i t_j]]_i [_{FocP} A MARIA_i [_{Foc} [_{TP} t_i]]]]]]]

É preciso encontrar uma motivação interna ao modelo para propor o movimento remanescente de TP. Uma possível motivação pode estar relacionada ao traço de tópico do CP que corresponde à informação pressuposta de que *alguém comprou o jornal*. Ainda assim, a análise carece de evidências empíricas que justifiquem o movimento remanescente.

Outra forma possível de analisar a estrutura da pseudoclivada sujeito e objeto foco contrastivo¹⁷ é aquela proposta por Resenes (2009) na qual a cópula seleciona um FocP, seguido de uma SC equativa, como em (34b).

(34) a. O que a Maria comprou foi O JORNAL (não o livro).

b. [_{TP} [_{CP} O que a Maria comprou]_j [_T foi [_{VP} ser_{+F} [_{FocP} O JORNAL_i [_{SC} t_j t_i]]]]]]]

Neste caso, o objeto aparece em uma posição baixa de foco e estaria em relação *Agree* com o domínio CP. Ainda que essa análise envolva uma posição sintática específica de foco, não é restritiva, já que permite que tanto foco contrastivo quanto foco de informação ocupem a mesma posição na representação. Ainda que se assuma a relação *Agree* entre uma posição no

¹⁷ Agradeço aos pareceristas deste artigo pela discussão em torno da análise da pseudoclivada com sujeito e objeto foco contrastivo. A investigação em torno da estrutura desse tipo de sentença continuará em trabalho futuro.

domínio CP e a posição baixa de foco, acarretando leitura de contraste, não é mantida a relação entre a posição sintática de foco e o tipo de foco (cf. RIZZI, 1997; BELLETTI, 2004).

Conclusão

A distinção entre o uso da clivada sujeito e o não uso da clivada objeto para responder uma interrogativa-Wh é incompatível com uma análise que propõe que sujeito e objeto clivados ocupam a mesma posição estrutural. Ao contrário do objeto, o sujeito nas clivadas nem sempre está em uma posição alta, no domínio CP; isso depende do tipo de interpretação focal associada a ele. Se o sujeito foco de informação ocupasse uma posição alta, no domínio CP, essa distinção não viria à tona.

A diferença no uso da clivada sujeito e clivada objeto em contexto que requer apenas informação nova indica que duas posições sintáticas diferentes estão em jogo: periferia da cópula (sujeito) e periferia esquerda da sentença (objeto). Dessa forma, assume-se que cada tipo de foco está associado a uma posição estrutural específica e que os componentes de interface interpretam a sentença da configuração sintática, por meio de um processo transparente.

Este estudo vai de encontro às propostas de análises unificadas para as clivadas e as pseudoclivadas. As sentenças clivadas apresentam duas estruturas em jogo: se o constituinte clivado for sujeito, terá a periferia da cópula ativada; se o constituinte clivado for o objeto, terá a periferia esquerda da subordinada ativada. No caso das pseudoclivadas, há uma única estrutura, independente de o constituinte clivado ser o sujeito ou o objeto. Nestas sentenças, o constituinte focalizado está em uma posição baixa de foco. Apenas nas pseudoclivadas que veiculam foco contrastivo é que o foco pode estar licenciado em uma posição alta, na periferia esquerda da sentença. Este ponto, no entanto, ainda precisa ser melhor investigado.

Subject-object focused asymmetry in the cleft and pseudocleft sentences

ABSTRACT: This article deals with focused subject and object cleft and pseudocleft sentences in Brazilian Portuguese. The aim of this study is to investigate the subject-object asymmetry these constructions show when related to question-answer contexts. The analysis is based on the cartographic approach, developed by Rizzi (1997) and Belletti (2004). This work investigates if there are restricted interrogative contexts for the occurrence of object clefts; if the asymmetry may be related to a structural difference between subject and object clefts; if there is any restriction as far as object pseudoclefts are concerned; if a unified analysis for cleft and pseudocleft sentences is suitable to handle these issues.

Keywords: focalization; subject; object; clefts; pseudoclefts.

REFERÊNCIAS

BELLETTI, A. Aspects of the low IP area. In.: RIZZI, L. (Ed.). *The structure of CP and IP. The Cartography of Syntactic Structures*, v. 2, New York: Oxford University Press, 2004. p. 16-51.

_____. Answering strategies: New information subjects and the nature of clefts. In.: BELLETTI, A. (Org.). *Structure and Strategies*, Routledge, 2008a.

_____. The CP of *cleft*. *Revista STiL- Studies in Linguistics – CISCL Working Papers on Language and Cognition*, v. 2, 2008c. p. 7-18.

_____. *Curso Acquisizione Del Linguaggio L2*, Università di Siena, 2009.

BELLETTI, A.; BENNATI, E.; SORACE, A. Theoretical and developmental issues in the syntax of subjects: evidence from near-native Italian. *Natural Language and Linguistic Theory*, vol 25 (4), 2007. p. 657-689.

CHOMSKY, N. *Lectures on government and binding*. Dordrecht: Foris, 1981.

CHOMSKY, N.; HALLE, M. *The sound pattern of English*. New York: Harper and Row, 1968.

COSTA, J.; DUARTE, I. *Minimizando a estrutura: uma análise unificada das construções de clivagem em português*. Ms: Universidade Nova de Lisboa e Universidade de Lisboa, 2006.

CYRINO, S. *O objeto nulo no português do Brasil - um estudo sintático-diacrônico*. Londrina: Editora da UEL, 1997.

_____. O objeto nulo no português brasileiro. In.: GÄRTNER, E.; SCHÖNBERGER, C. (Orgs.). *Estudos de gramática portuguesa*, vol III Frankfurt am Main, TFM, 2000. p. 61-73.

DUARTE, M. A. Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil. In.: ROBERTS, I.; KATO, M. (Eds.). *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996.

FERNANDES, F. *Ordem, focalização e preenchimento em Português: Sintaxe e Prosódia*. 2007. 444f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FERREIRA, M. *Argumentos nulos em português brasileiro*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.

FRASCARELLI, M.; PUGLIELLI, A. Focus in the Force-Fin System Information Structure. In.: *Cushitic Languages*. Disponível em: <http://host.uniroma3.it/dipartimenti/linguistica/docenti/Frascarelli_Puglielli_to_appear.pdf> Acesso em: 17 set. 2011.

GUESSER, S. *Soggetto nullo e focalizzazione del soggetto in Portoguese Brasiliano*. 2007. 156f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Ciscl, Università di Siena, Itália, 2007.

_____. *Sentenças clivadas canônicas e invertidas do PB sob uma perspectiva cartográfica*. Trabalho apresentado no Encontro nacional do grupo de trabalho em Teoria da Gramática. Maceió, 2011.

GUESSER, Q.; QUAREZEMIN, S. Focalização, cartografia e sentenças clivadas do Português Brasileiro. *Revista Lingüística/Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*, vol. 9, n. 1, 2013. p. 188-208.

HEYCOCK, C.; KROCH, A. Pseudocleft connectedness: Implications for the LF interface level. *Linguistic Inquiry*, v. 30, 1999. p. 365-397.

HORN, L. Exhaustiveness and the semantics of clefts. In: BURKE, V.; PUJETOVSKY, J. (Eds.). *Proceedings of NELS 11*. Amherst: GLSA, 1981. p. 125-142.

KATO, M. Strong and weak pronominals and null subject parameter. *PROBUS*, v. 11, n. 1, 1999. p. 1-38.

KATO, M.; NEGRÃO, E. (Orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000.

KATO, M.; RIBEIRO, I. Cleft sentences and wh-questions in Brazilian Portuguese: a diachronic analysis. Apresentado ao 35th LSRL, University of Texas, Austin, 2005.

KAYNE, R. *The antisymmetry of syntax*. Cambridge, MIT Press, 1994.

KISS, K. È. Focus Identificational versus Information Focus. *Language*, v. 74 (2), 1998. p. 245-273.

LOBO, M. Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. Geração na base. In: OLIVEIRA, F.; BARBOSA, J. (Orgs.). *Textos seleccionados*. XXI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. APL/Colibri, Lisboa, 2006. p. 457-473.

MAGALHÃES, T. M. As diferenças entre as gramáticas da fala e a “gramática” da escrita no Português Brasileiro e suas consequências para o ensino de línguas. *Revista do GELNE*, vol. 10, n. 1/2, 2008.

MENUZZI, S. That-Trace Effects in Portuguese. In: MIOTO, C.; MELO MOURA, H. M. de; PIRES DE OLIVEIRA, R. (Orgs.). *Fórum Lingüístico*, v. 2 (2), 2000. p.13-39.

_____. Algumas observações sobre Foco, Contraste e Exaustividade. *Revista Letras*, Curitiba, n. 86, p. 95-121, jul./dez. 2012.

MIOTO, C. Focalização e Quantificação. *Revista Letras*, vol 61. Curitiba: Editora UFPR, 2003. p. 169-189.

_____. Focus and Clefting. *Paper* apresentado no *Workshop on Formal Linguistics*, Florianópolis: Universidade Federal Santa Catarina, 2006.

MIOTO, C.; NEGRÃO, E. As sentenças clivadas não contêm uma relativa. In.: CASTILHO, A.; TORRES MORAIS, M. A.; LOPES, R. V.; CYRINO, S. (Orgs.). *Descrição, História e Aquisição do Português Brasileiro*. São Paulo, FAPESP. Campinas: Pontes, 2007. p. 159-183.

MODESTO, M. Null subjects without rich agrément. In: KATO, M.; NEGRÃO, E. (Orgs.). *Brazilian Portuguese and the Null Subject Parameter*. Frankfurt: Vervuert-Iberoamericana, 2000b. p. 147-174.

_____. *As construções clivadas no português do Brasil: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. São Paulo: Humanitas, 2001.

MORO, A. *The raising of predicates*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.

PILATI, E. *Aspectos sintáticos e semânticos das orações com ordem verbo-sujeito no português do Brasil*. 2006. 253f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

QUAREZEMIN, S. *Estratégias de Focalização em Português Brasileiro – Uma Abordagem Cartográfica*. 2009. 289f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, UFSC, Florianópolis, 2009.

_____. Clivadas e a focalização no Português Brasileiro. In.: PIRES DE OLIVEIRA, R.; MIOTO, C. (Orgs.). *Percursos em Teoria da Gramática*. Florianópolis: Editora da UFSC, 2011. p. 95-113.

RABELO, P. *Argumentos (EPP) nulos no português do Brasil em contextos oracionais finitos e infinitos*. 2010. 216 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade de Brasília. Brasília, 2010.

RESENES, M. *Sentenças Pseudoclivadas no Português Brasileiro*. 2009. 120f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2009.

RIZZI, L. The fine structures of left periphery. In.: HAEGEMAN, L. (Org.). *Elements of Grammar*. Klumer Academic Publishers, 1997. p. 281-337.

_____. Locality and Left Periphery. In.: BELLETTI, A. (Org.). *Structure and Beyond. The Cartography of Sybactic Structures*, vol. 3, New York: Oxford University Press, 2004. p. 223-251.

_____. On the Form of Chains: Criterial Positions and ECP Effects. In.: CHENG, S. & CORVER, N. (Eds.). *Wh-movement: Moving on*. MIT Press, 2006. p. 97-34.

_____. On Some Properties of Criterial Freezing. In.: MOSCATI, V. (org.). *Revista STiL-Studies in Linguistics – CISCL Working Papers on Language and Cognition*, v. 1, 2007. p. 145-158

RIZZI, L; SHLONSKY, U. Strategies of Subject Extraction. In.: SAUERLAND, U.; GÄRTNER, H. M. (Orgs.). *Interfaces + Recursion = Language?* Mouton De Gruyter, 2007.

RODRIGUES, C. *Impoverished morphology and A-movement out of case domains*. 2004. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Maryland, College Park, 2004.

ZUBIZARRETA, M. L. *Prosody, Focus and Word Order*. Cambridge, MIT Press, 1998.

Data de envio: 15/10/2013

Data de aceite: 03/02/2014

Data de publicação: 21/07/2013